

LONGEVIDADE E QUALIDADE DE VIDA: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÚLTIMA DÉCADA (2014 – 2024)

Luciléa Albuquerque Baltazar
Universidade da Amazônia – UNAMA
lucilea08@hotmail.com

Deogratias Cirhakarula Muderwa
Universidade da Amazônia – UNAMA
deocirhal@gmail.com

João Paulo
Universidade da Amazônia – UNAMA
joaopaulovmendoncajunior@gmail.com

Luciana Rodrigues Ferreira
Universidade da Amazônia – UNAMA
lucianarofer@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender o perfil da literatura sobre longevidade e qualidade de vida na última década (2014-2024). A pesquisa foi conduzida com base em revisão bibliográfica de natureza exploratória e abordagem bibliométrica, com dados levantados das bases Scopus e Web of Science (WOS). O processo de seleção seguiu critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, resultando em um corpo de 36 artigos que foram analisados detalhadamente com base na aderência temática. A análise revelou que, embora haja crescimento de publicações relacionados à temática, uma parte significativa dos estudos apresenta relação apenas parcial com o foco principal do trabalho, destacando a necessidade para abordagens mais integradas entre longevidade e qualidade de vida. Os resultados evidenciam também a diversidade de áreas do conhecimento que abordam o tema, com ênfase em estudos ligados à saúde, bem-estar, políticas públicas e envelhecimento ativo. Conclui-se que a produção científica ainda carece de maior sistematização e aprofundamento teórico-conceitual sobre os impactos multidimensionais da longevidade, reforçando a importância de investigações interdisciplinares voltadas à melhoria da qualidade de vida da população idosa.

Palavras-Chave: Longevidade; Qualidade de vida; Análise Bibliométrica; Envelhecimento Populacional

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS): 3 - Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades

1 INTRODUÇÃO

O prolongamento da vida e a crescente presença de pessoas idosas na sociedade têm sido temas recorrentes nas agendas políticas, econômicas e acadêmicas, especialmente diante do acelerado processo de envelhecimento populacional observado em nível global. Este fenômeno reflete conquistas importantes da humanidade no campo da saúde, da ciência e das tecnologias, mas também impõe novos desafios no que se refere à qualidade de vida na velhice e à garantia de direitos a essa parcela da população. Schneider e Irigaray (2008, p. 586) entendem que “o aumento do número de anos é decorrente da redução nas taxas de fertilidade e do acréscimo da longevidade nas últimas décadas”. Observa-se, portanto, uma redução drástica do número de nascimentos versus o aumento significativo do número de pessoas que celebram 65 anos ou mais.

No Brasil, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) indicam que a população com 60 anos ou mais passou de 9,8% em 2005 para 15,1% em 2022, evidenciando o ritmo acelerado do envelhecimento no país. As projeções apontam que, em 2060, um em cada quatro brasileiros terá mais de 60 anos, o que exigirá transformações significativas na estrutura dos serviços públicos, na organização do trabalho e nas políticas sociais.

A ampliação da expectativa de vida é um dos fenômenos mais relevantes do século XXI, e está diretamente ligada a transformações sociais, econômicas e tecnológicas ocorridas em diferentes partes do mundo. O aumento da longevidade, embora represente uma conquista civilizatória, também demanda a construção de políticas públicas específicas, capazes de assegurar condições adequadas de vida à população idosa.

Este cenário se torna ainda mais desafiador quando se observa a heterogeneidade do envelhecimento, atravessado por desigualdades territoriais, socioeconômicas e culturais. No contexto brasileiro, fatores como acesso desigual à saúde, moradia, educação e participação social impactam diretamente a forma como os sujeitos vivenciam a velhice (Moreira & Mendes, 2012; Pereira, 2007). Essas disparidades são ainda mais evidentes em regiões periféricas e historicamente excluídas, como é o caso da Amazônia Paraense, onde iniciativas como a atuação dos conselhos municipais e projetos intergeracionais têm buscado promover um envelhecimento mais ativo e integrado às realidades locais (Baltazar *et al.*, 2023; Barros *et al.*, 2023).

No Brasil, esse processo é ainda mais complexo, uma vez que o crescimento da população idosa ocorre de forma acelerada e em meio a fragilidades históricas no sistema de proteção social. O envelhecimento da população brasileira não é acompanhado, na mesma velocidade, por investimentos estruturantes em áreas como saúde, previdência, habitação, transporte e acessibilidade. Isso exige uma nova compreensão sobre o papel do Estado e da sociedade civil na construção de estratégias que articulem longevidade com qualidade de vida, reconhecendo as pessoas idosas como sujeitos de direitos e de saberes.

Nesse contexto, torna-se urgente mapear a produção científica que vem sendo construída em torno dos temas longevidade e qualidade de vida, a fim de compreender como a academia tem contribuído para o aprofundamento teórico, metodológico e prático dessas discussões. A realização de uma análise bibliométrica, conforme proposta neste artigo, permite identificar tendências, lacunas, enfoques conceituais e abordagens predominantes no campo. Essa perspectiva fornece subsídios relevantes para fortalecer políticas públicas intersetoriais e embasadas em evidências, além de fomentar novas agendas de pesquisa em torno do envelhecimento populacional e do bem-estar na velhice.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo compreender o perfil da literatura sobre longevidade e qualidade de vida na última década. Para isso, foram utilizadas as bases de dados Web of Science (WOS) e Scopus, reconhecidas por sua abrangência e rigor acadêmico. O procedimento metodológico adotado foi a revisão de literatura com abordagem bibliométrica, que permite mapear e analisar a produção científica internacional sobre o tema, com base em critérios quantitativos e qualitativos de análise.

Para alcançar esse objetivo, o artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico sobre envelhecimento populacional, longevidade e qualidade de vida na velhice, destacando os principais conceitos e indicadores utilizados na literatura. Na terceira seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados para a realização da análise bibliométrica. A quarta seção traz os resultados e a discussão, com base nos dados coletados nas bases Web of Science e Scopus. Por fim, a quinta seção apresenta as considerações finais, apontando as principais conclusões do estudo e possíveis caminhos para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Envelhecimento Populacional e Longevidade

O envelhecimento populacional é um fenômeno global que tem se intensificado nas últimas décadas, impulsionado pela redução das taxas de fecundidade, avanços na medicina, melhoria nas condições de vida e aumento da expectativa de vida. Conforme a Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, WHO, 2015), a população que possui 60 ou mais deverá dobrar até 2050, ultrapassando 2 bilhões de pessoas em todo o mundo, o que representa uma transição demográfica sem precedentes.

Esse cenário tem sido denominado por especialistas como a “Revolução da Longevidade”, marcando uma profunda transformação social. Segundo o *International Longevity Centre* (ILC - 2015), o mundo está envelhecendo rapidamente como resultado da queda nas taxas de mortalidade e do aumento da expectativa de vida, mesmo em países de baixa e média renda. A cada segundo, duas pessoas no mundo completam 60 anos. Esse crescimento representa não apenas um avanço civilizatório, mas impõe a necessidade de repensar conceitos como velhice e aposentadoria, que se tornam obsoletos diante do ganho médio de 30 anos na expectativa de vida nas últimas gerações.

No contexto da longevidade, entende-se que viver mais é uma conquista da atual civilização, mas que traz consigo desafios sociais, econômicos e de saúde pública. A longevidade não deve ser observada apenas em termos quantitativos, ou seja, como os anos são vividos. Para Kalache e Keller (1999), a longevidade só possui um significado quando associada à ideia de envelhecimento ativo, envolvendo aspectos como participação social, autonomia, saúde e aprendizado ao longo da vida.

O conceito de Envelhecimento Ativo, desenvolvido no âmbito da OMS e expandido por pesquisadores como Kalache, envolve uma abordagem positiva e integral do envelhecimento, sustentada por quatro pilares interdependentes: saúde, aprendizado ao longo da vida, participação e segurança. Esses elementos são considerados essenciais para garantir o bem-estar na velhice e orientar políticas públicas voltadas à promoção da autonomia e da dignidade das pessoas idosas (ILC Brasil, 2015). A ideia central é que envelhecer ativamente não significa apenas evitar doenças, mas cultivar um modo de vida que favoreça o engajamento social, a continuidade do aprendizado, a manutenção da saúde física e mental, e a segurança em seus múltiplos sentidos: econômica, social e afetiva.

Cada um desses pilares responde a uma dimensão fundamental do viver bem na velhice. A saúde não se restringe à ausência de enfermidades, mas se refere à capacidade funcional ao longo do curso da vida, incluindo aspectos físicos, mentais e emocionais. A aprendizagem contínua permite que as pessoas se adaptem às transformações sociais, tecnológicas e profissionais, além de fortalecer o senso de propósito e autoestima. A participação social se expressa tanto no trabalho quanto no voluntariado, na vida cívica e nas relações familiares, sendo um fator de proteção contra o isolamento e a perda de sentido. Por fim, a segurança envolve estabilidade econômica, proteção social e um ambiente livre de ameaças, sendo indispensável para garantir a liberdade e a autonomia das pessoas idosas (ILC Brasil, 2015). Esses quatro pilares, quando considerados de forma integrada, possibilitam uma trajetória de vida mais resiliente, inclusiva e significativa.

Com o aumento da longevidade, cresce também o número de pessoas com mais de 80 anos. Esse grupo, segundo o ILC (2015), é o mais heterogêneo da sociedade, apresentando ampla diversidade em termos de funcionalidade física, mental e social. Estima-se que um terço dessas pessoas mantenha alto nível de autonomia e bem-estar, enquanto outro terço viva com certo grau de dependência manejável com suporte comunitário, e o restante enfrente limitações severas. Essa realidade evidencia que, mesmo em idades avançadas, há indivíduos que mantêm vitalidade, resiliência e qualidade de vida, tornando-se exemplos valiosos sobre como envelhecer com dignidade.

O Brasil, seguindo essa tendência global, tem apresentado um crescimento expressivo da população idosa. De acordo com dados do IBGE (2023), estima-se que, até 2040, um em cada quatro brasileiros terá a faixa de 60 anos ou mais. Esse cenário coloca em destaque a necessidade de políticas públicas intersetoriais e estudos acadêmicos que abordem o envelhecimento não apenas como uma questão biológica, mas um fenômeno social complexo e multifacetado. Urtamo, Jyväkorpi e Strandberg (2019) destacam que a definição de envelhecimento bem-sucedido inclui critérios como ausência de doenças incapacitantes, alta capacidade funcional, manutenção da cognição e o engajamento ativo na vida social. Tais dimensões reforçam o fato de que a longevidade deve ser pensada em articulação com os fatores que contribuem para o bem-estar da pessoa idosa.

Por outro lado, é preciso reconhecer que esse processo também amplia os desafios relacionados ao cuidado de longo prazo. Conforme destaca o ILC (2015), muitas mulheres idosas vivem mais tempo com deficiências e, frequentemente, sozinhas, sendo cuidadas por filhos ou redes informais. Em países de baixa e média renda, onde os sistemas públicos de cuidado ainda são incipientes, a ausência de suporte institucionalizado tende a sobrecarregar famílias e comunidades. Ao mesmo tempo, essas situações expõem a urgência de políticas públicas sustentáveis, que garantam segurança, dignidade e proteção ao longo do envelhecimento, reconhecendo-o como parte integrante da cidadania.

Em paralelo, estudos sobre bem-estar subjetivo revelam que emoções positivas estão associadas à maior longevidade. Xu e Roberts (2010) observaram, ao longo de 28 anos de acompanhamento populacional, que pessoas mais felizes tendem a viver entre 6 e 10 anos a mais do que aquelas que possuem baixa satisfação de vida. Pressman e Cohen (2005) também confirmam essa relação entre afetos positivos e saúde ao longo da vida.

Essas mudanças profundas nas dinâmicas etárias reforçam a necessidade de repensar os modelos tradicionais de curso de vida, trabalho, educação e aposentadoria. O envelhecimento deixa de ser um tema exclusivo da geriatria ou da assistência social, tornando-se uma questão

transversal que demanda respostas integradas dos governos, da sociedade civil e do setor privado. Além disso, o fenômeno da feminização do envelhecimento, apontado pelo ILC (2015), revela que há mais mulheres do que homens entre os idosos, especialmente nas faixas etárias mais avançadas, o que exige políticas sensíveis às desigualdades de gênero ao longo da vida.

Por fim, a OMS (Who, 2002) corrobora que o envelhecimento saudável depende de múltiplos fatores: individuais, sociais, ambientais e econômicos, destacando a necessidade de políticas integradas que favoreçam a inclusão e dignidade das pessoas idosas. Compreender os determinantes do envelhecimento e da longevidade é fundamental para planejar ações que promovam qualidade de vida no tempo, tema que será discutido detalhadamente no próximo tópico.

2.2 *Qualidade de Vida na Velhice: Perspectivas e Indicadores*

O debate sobre qualidade de vida na velhice é atravessado por múltiplas perspectivas que articulam aspectos objetivos, como funcionalidade física, saúde, segurança e acesso a serviços e subjetivos, como senso de pertencimento, autonomia, autoestima e propósito de vida. Estudos recentes apontam que o envelhecimento saudável deve ser compreendido como um processo multifatorial que envolve não apenas condições biomédicas, mas também contextos sociais, afetivos, culturais e territoriais (Cupertino, Rosa & Ribeiro, 2007; Moreira & Mendes, 2012).

No cenário internacional, Imamatsu *et al.* (2023), ao investigarem pessoas idosas saudáveis e independentes no Japão, evidenciaram que o bem-estar subjetivo está fortemente associado à autonomia nas atividades diárias, à rede de apoio social e ao sentimento de utilidade na comunidade. De forma complementar, Li *et al.* (2023) destacam que, entre pessoas idosas rurais de diferentes gerações asiáticas, estilos de vida saudáveis e práticas comunitárias reforçam a longevidade com qualidade. Esses estudos reforçam a ideia de que viver mais não implica necessariamente viver melhor, a menos que haja condições sociais, ambientais e emocionais que favoreçam o bem-estar integral da pessoa idosa.

No Brasil, há uma diversidade de estudos que propõem compreender a qualidade de vida na velhice a partir das realidades locais e das experiências singulares dos sujeitos. Barros *et al.* (2023) discutem a iniciativa “Escola Amiga da Pessoa Idosa” como uma ação de caráter intergeracional e comunitário, capaz de promover um ambiente social inclusivo, de escuta e de valorização da pessoa idosa. Nessa mesma perspectiva, Baltazar *et al.* (2023) analisam a atuação do Conselho Municipal da Pessoa Idosa de Santarém (PA), destacando a importância do protagonismo institucional das pessoas idosas na formulação de políticas públicas para o envelhecimento ativo, especialmente em contextos amazônicos.

A compreensão da qualidade de vida, portanto, vai além dos indicadores clínicos. Estudos como o de Oliveira, Rabelo e Queiroz (2012) mostram que a percepção positiva do envelhecimento está relacionada ao estilo de vida adotado, ao senso de controle pessoal e à possibilidade de manter vínculos afetivos e produtivos ao longo da vida. A autopercepção da felicidade e da dignidade também figura como um marcador importante: Valero (2020, em seu Estudo sobre Fragilidade em Idosos Brasileiros (FIBRA)), uma pesquisa qualitativa com pessoas idosas residentes em áreas urbanas de São Paulo – Campinas entre os anos 2008 a 2016, identificou que “ser feliz na velhice” está intimamente ligado ao reconhecimento social, ao sentimento de gratidão e à continuidade de projetos pessoais.

A dimensão psicossocial da qualidade de vida também é enfatizada por Moreira e Mendes (2012), que propõem uma abordagem centrada na escuta das experiências subjetivas das pessoas idosas, valorizando suas trajetórias, afetos, perdas e ressignificações. Já Pereira

(2007) destaca que o processo de envelhecimento deve ser compreendido de forma contextualizada, pois fatores como moradia, renda, acesso à saúde e à cultura moldam diretamente a forma como se vivencia a velhice no Brasil.

Além disso, a articulação entre qualidade de vida e desenvolvimento territorial também tem ganhado espaço na literatura. Sousa et al. (2023) defendem que o fortalecimento de arranjos produtivos inclusivos, como os voltados à reinvenção do trabalho 50+, pode contribuir para a valorização da experiência e do conhecimento acumulado das pessoas idosas, impactando diretamente sua autoestima, autonomia financeira e inserção social.

Por fim, Soares *et al.* (2019), ao analisarem os dados do Estudo FIBRA, indicam que o desempenho físico é um dos principais preditores de funcionalidade e satisfação com a vida, reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam a saúde preventiva, o envelhecimento ativo e a inserção das pessoas idosas em práticas de autocuidado e socialização.

Os principais indicadores associados à qualidade de vida na velhice podem ser organizados em cinco grandes dimensões, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Dimensões e Indicadores de Qualidade de Vida na Velhice

Dimensão	Indicadores Conceituais
Física e Funcional	Capacidade de locomoção; autonomia para atividades da vida diária; presença de doenças crônicas; percepção da saúde.
Psicológica	Autoestima; sentimentos positivos e negativos; resiliência; satisfação com a vida; propósito existencial.
Social	Apoio familiar e comunitário; frequência de interações sociais; participação em grupos e associações.
Ambiental	Condições de moradia; acessibilidade urbana; segurança; transporte público; acesso a serviços de saúde e cultura.
Existencial e Cultural	Percepção de reconhecimento; preservação da memória social; inserção simbólica na comunidade; continuidade de papéis sociais.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Cupertino et al. (2007), Imamatsu et al. (2023), Li et al. (2023), Moreira & Mendes (2012), Soares et al. (2019) e WHOQOL-OLD.

A organização dos indicadores no Quadro 1 busca apresentar, de forma sintética, os principais elementos que vêm sendo considerados na literatura científica nacional e internacional como constituintes da qualidade de vida na velhice. As dimensões física e funcional estão tradicionalmente associadas aos aspectos clínicos e de autonomia corporal, frequentemente avaliadas por meio de instrumentos padronizados como o WHOQOL-OLD (World Health Organization, 2006) e o FIBRA (Soares et al, 2019). A dimensão psicológica amplia essa visão ao incorporar o universo das emoções, da autoestima e do sentido de vida, fatores decisivos para o bem-estar subjetivo (Cupertino, Rosa & Ribeiro, 2007; Imamatsu et al., 2023).

Por sua vez, a dimensão social reconhece o papel dos vínculos interpessoais e da participação ativa em redes de sociabilidade, sendo especialmente relevante em contextos comunitários ou intergeracionais (Barros et al, 2023). A dimensão ambiental, muitas vezes negligenciada nas abordagens tradicionais, destaca as condições materiais e estruturais que cercam o cotidiano da pessoa idosa, como moradia segura, transporte acessível e infraestrutura urbana adaptada (Pereira, 2007; Li *et al.*, 2023). Por fim, a dimensão existencial e cultural valoriza os aspectos simbólicos, identitários e históricos do envelhecer, reconhecendo a contribuição das pessoas idosas como sujeitos de memória e pertencimento (Moreira & Mendes, 2012).

Dessa forma, a construção de indicadores de qualidade de vida na velhice deve ir além da mera quantificação de condições objetivas, buscando captar também os sentidos e

significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu processo de envelhecimento. Isso exige abordagens interdisciplinares e sensíveis às particularidades culturais, territoriais e geracionais, especialmente em contextos como o brasileiro, marcado por desigualdades históricas e diversidade sociocultural.

Assim, esta seção contribui para fundamentar teoricamente as análises bibliométricas desenvolvidas neste estudo, oferecendo um panorama atualizado sobre os principais referenciais e dimensões que estruturam o campo da longevidade com qualidade (Sousa *et al*, 2023; Valero, 2020).

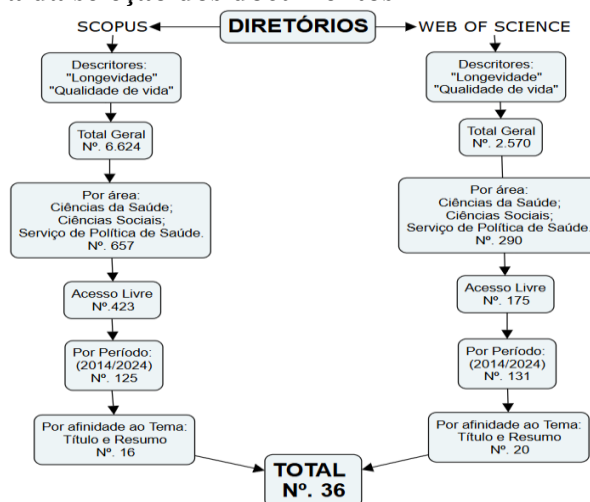
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa utilizou o método de revisão sistemática da literatura com abordagem bibliométrica. Conforme Galvão e Ricarte (2019), esse tipo de revisão segue protocolos rigorosos para analisar criticamente um conjunto de documentos, verificando sua relevância em contextos específicos. Já a bibliometria, segundo Palludeto e Felipini (2019), permite mapear de forma ampla as publicações sobre um tema de interesse.

Os dados foram extraídos das bases Web of Science (2.570 documentos) e Scopus (6.624 documentos), passando por filtros sucessivos. O primeiro critério foi a seleção por área temática: Ciências Sociais, Saúde Ocupacional Ambiental Pública, Serviços de Ciências da Saúde e Política de Saúde. Em seguida, foram mantidos apenas documentos de acesso totalmente livre, do tipo artigo científico, publicados entre 2014 e 2024. Por fim, realizou-se a leitura de títulos e resumos para verificar a pertinência ao tema.

Após o processo de seleção, os dados da Scopus foram exportados em formato CSV e convertidos para Excel. Já os documentos da Web of Science foram salvos em PDF para análise. A Figura a seguir apresenta o fluxograma com as etapas de inclusão e exclusão dos artigos nas duas bases.

Figura 01: Fluxograma da seleção dos documentos



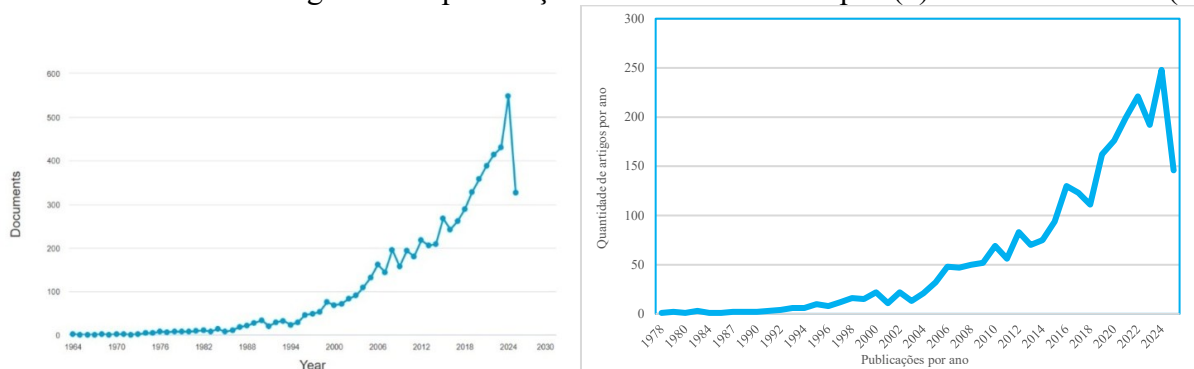
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Concluído o processo de triagem e sistematização dos documentos, chegou-se a um conjunto de artigos alinhados ao objetivo da pesquisa, os quais subsidiaram a análise apresentada na próxima seção. A seguir, são expostos os principais resultados da investigação bibliométrica, com ênfase nas tendências, temas recorrentes e lacunas identificadas na produção científica sobre o tema.

4 RESULTADOS

A busca pelos descritores "longevidade" e "qualidade de vida" permitiu mapear a produção científica sobre o tema desde 1964, ano do primeiro registro identificado na base Scopus. O Gráfico 01 apresenta a evolução temporal das publicações nas bases Scopus e Web of Science.

Gráfico 01: Resultados gerais das publicações nos Diretórios Scopus (1) e Web of Science (2)



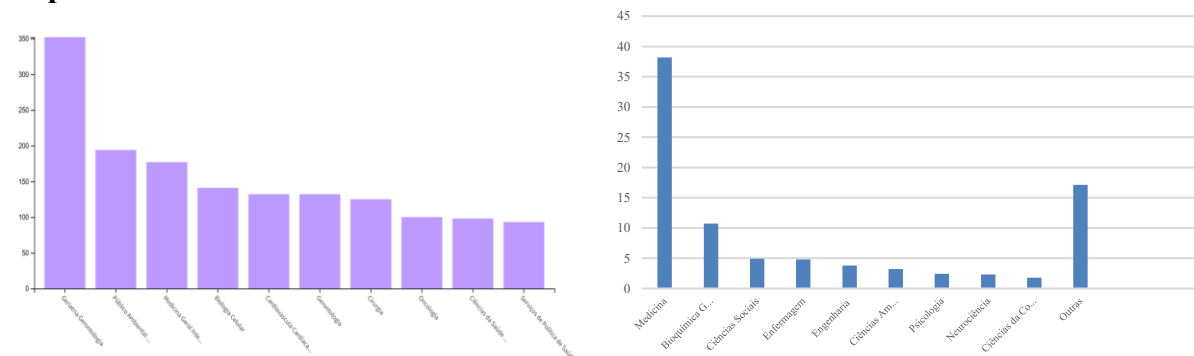
Fonte: Dados da pesquisa longevidade e qualidade de vida Scopus e Web of Science (2025).

Observa-se um crescimento progressivo da produção científica a partir da década de 1980 na Scopus e dos anos 1990 na Web of Science. A partir dos anos 2000, esse crescimento se intensifica, acompanhando as projeções demográficas da ONU (2024), que indicam a longevidade como um dos principais desafios do século XXI. Segundo a organização, a população com 60 anos ou mais, que era de 195 milhões em 1950, ultrapassou 1 bilhão em 2018 e pode atingir 3 bilhões até 2100.

Esse cenário impulsiona debates e políticas públicas voltadas ao envelhecimento. No Brasil, destaca-se o Estatuto da Pessoa Idosa, bem como medidas estaduais recentes, como a Lei nº 11.057, de 25 de junho de 2025, que institui o Programa de Conscientização e Prevenção ao Etarismo no Estado do Pará.

O recorte da última década (2014–2024) permite uma análise mais focada nas tendências recentes dos estudos sobre longevidade e qualidade de vida, como será apresentado nos gráficos a seguir.

Gráfico 02: Áreas de concentração dos estudos da Longevidade e Qualidade de Vida no Scopus e Web of Science.



Fonte: Dados da Pesquisa. Scopus e Web of Science (2025).

O Gráfico 02 apresenta as principais áreas do conhecimento que concentram estudos sobre Longevidade e Qualidade de Vida, conforme os dados coletados nas bases Scopus e Web of Science. Na base Scopus, observa-se um predomínio da área da Medicina, seguida por Bioquímica, Agricultura e Ciências Sociais. Já na base Web of Science, destacam-se os campos de Geriatria e Gerontologia, Saúde Ocupacional e Ambiental Pública, Serviços de Ciências da Saúde, Serviços de Política de Saúde e Medicina Geral Interna, entre outros.

Considerando que este estudo está inserido na interface entre longevidade, bem-estar e políticas públicas, optou-se por privilegiar as publicações vinculadas às áreas das Ciências Sociais, Profissões da Saúde, Saúde Ocupacional, Ciência da Saúde e Serviços de Política de Saúde, por oferecerem abordagens integradas e interdisciplinares mais alinhadas aos objetivos da pesquisa.

Os artigos foram categorizados a partir de seus principais enfoques, contemplando os fatores estruturais, como desigualdades regionais e socioeconômicas, aspectos subjetivos e relacionais, como bem-estar emocional, espiritualidade, participação social e propósito de vida. Essa sistematização contribui para a compreensão integrada do envelhecimento, considerando não apenas indicadores biomédicos, mas também determinantes sociais e culturais que moldam as trajetórias da longevidade em diferentes contextos.

4.1 Determinantes Socioeconômicos, Regionais e Demográficos na qualidade de Vida na Velhice

Estudos destacam que fatores regionais, econômicos e sociais influenciam a qualidade de vida de pessoas idosas, especialmente nas faixas mais longevas. Freitas *et al.* (2022) evidenciam a heterogeneidade da população longeva brasileira ao comparar idosos com 80 anos ou mais em regiões com diferentes níveis de desenvolvimento (Nordeste e Sudeste). Da mesma forma, Gu *et al.* (2019) e Zhang *et al.* (2022) apontam que a localização geográfica e as disparidades regionais e étnicas impactam significativamente a qualidade de vida e a expectativa de vida ajustada à saúde em idosos na China. De Oliveira *et al.* (2020) trazem o impacto do envelhecimento sobre os custos em planos de saúde autogeridos, enfatizando a importância de políticas preventivas e de promoção da saúde. Leaf *et al.* (2021) complementam o bloco ao evidenciar o uso de modelos preditivos para estimar longevidade e qualidade de vida, com potencial aplicação em políticas públicas. Já Grangeiro *et al.* (2018) revelam desigualdades significativas no perfil clínico de idosos atendidos por programas de fisioterapia domiciliar, o que reforça a influência das condições socioeconômicas na gestão da saúde na velhice.

A partir da base Scopus, Caswell e Van Daalen (2021) reforçam o uso de modelos baseados em incidência para compreender a longevidade saudável como medida central em sociedades envelhecidas. Baldanzi, Prettnner e Tscheuschner (2019) discutem como o aumento da longevidade afeta o crescimento econômico, sinalizando a complexidade entre políticas de saúde e produtividade. Adicionalmente, Aladejare (2023) mostra como a sustentabilidade financeira dos países, medida por sua dívida externa, pode estar relacionada à expectativa de vida, a partir de uma análise em países da África Ocidental.

4.2 Saúde Física, Desempenho Funcional e Longevidade

A boa saúde física é consistentemente associada à melhor qualidade de vida e maior longevidade. Estudos como os de Zhang *et al.* (2016), Soares *et al.* (2019) e Imamatsu *et al.* (2023) mostram que o desempenho físico (força muscular, velocidade de marcha, visão e audição) afeta diretamente a mortalidade, a funcionalidade e a satisfação com a vida. Huang *et*

al. (2022) identificam padrões longitudinais de QV em idosos chineses e relacionam a saúde funcional com trajetória de vida mais satisfatória. Heine *et al.* (2020) apontam que a perda sensorial tem impactos significativos, especialmente em mulheres, o que reforça a vulnerabilidade de certos grupos. Han *et al.* (2020) demonstram que a depressão compromete fortemente a QVRS entre centenários, mesmo sem comorbidades.

Pela Scopus, o estudo de Hurley *et al.* (2020) destaca os efeitos de programas estruturados para a promoção de atividade física em casas de repouso, revelando impactos positivos na saúde física e bem-estar mental. Liu *et al.* (2023) analisam idosos autistas na Suécia, mostrando que variáveis como deficiência intelectual e sexo interferem nos desfechos de saúde, ampliando o debate sobre interseccionalidades no envelhecimento. Heide (2022) propõe uma reflexão ética sobre os limites entre independência, conforto e segurança na definição de qualidade de vida entre idosos.

4.3 Bem-estar Subjetivo, Emoções e Espiritualidade

Diversos estudos destacam o papel do bem-estar subjetivo, das emoções positivas e da espiritualidade na longevidade e qualidade de vida. Zhang *et al.* (2021) e Li *et al.* (2023) indicam que emoções positivas e cognição atuam como mediadores relevantes na relação entre saúde física e qualidade de vida. Chaves e Gil (2015) trazem a espiritualidade como um fator de enfrentamento da velhice, promovendo resiliência emocional e sentido de vida. Luo *et al.* (2024) e Imamatsu *et al.* (2023) reforçam a importância da sociabilidade e dos vínculos comunitários para o bem-estar mental. O estudo de Chung *et al.* (2024), apesar de situado no contexto do câncer, destaca o potencial da autogestão digitalizada da saúde para melhoria da qualidade de vida e redução de sintomas, podendo ser adaptado ao envelhecimento em geral.

Na Scopus, Strizhitskaya e Petrash (2022) discutem a construção do envelhecimento produtivo, considerando os aspectos biológicos, psicológicos e ambientais como estruturantes do bem-estar na velhice. Lichtenberg (2022) reforça a contribuição da inovação farmacêutica no aumento da longevidade, conectando avanços biomédicos com expectativas subjetivas de vida.

4.4 Participação Social, Redes de Apoio e Envelhecimento Ativo

A participação social mostra-se como fator essencial para a promoção da saúde mental e da qualidade de vida de pessoas idosas. Luo *et al.* (2024) demonstram que a participação social pode mitigar sintomas de ansiedade e depressão em idosos que vivem sozinhos. Bevilacqua *et al.* (2024) relatam o uso de tecnologias como coaching virtual para promover o envelhecimento ativo e reduzir o risco de isolamento. Zhang *et al.* (2021) demonstram que serviços comunitários (CHECS) aumentam a satisfação de vida, especialmente serviços culturais e de mediação jurídica. O fortalecimento das redes de apoio comunitário surge como estratégia relevante para promover autonomia e integração social.

Na base Scopus, Aroonsrimorakot *et al.* (2022) investigam intervenções para combater o isolamento social e promover envelhecimento ativo na Tailândia e Índia, ressaltando a importância de políticas que integrem serviços de apoio comunitário. Kalachikova *et al.* (2023) conceituam a longevidade ativa como fenômeno social e delineiam fatores internos e externos que favorecem o envelhecimento saudável. Vidasova (2023) evidencia o papel de políticas públicas e ambientes urbanos para a manutenção da participação e qualidade de vida entre idosos de grandes cidades.

4.5 Estilo de Vida, Propósito e Atividades na Terceira Idade

Estudos como os de Tomioka et al. (2016), Li et al. (2023) e Tyrovolas et al. (2017) indicam que estilo de vida saudável, hobbies, propósito de vida (ikigai) e atividades como dirigir, ler, fazer exercícios leves e manter uma alimentação equilibrada contribuem para maior autonomia, bem-estar e longevidade. Os dados mostram que esses fatores influenciam diretamente a redução de declínio funcional e da mortalidade. A mobilidade, inclusive no uso de automóveis (Tyrovolas et al., 2017), é apontada como indicativo de envelhecimento bem-sucedido.

Os estudos da Scopus ampliam essa perspectiva: Anikeeva et al. (2019) destacam o papel da alfabetização digital para idosos como ferramenta de inclusão e bem-estar. Faba-Pérez e Calero-Prieto (2021) mostram como bibliotecas públicas podem fomentar qualidade de vida na terceira idade, funcionando como espaços de socialização e letramento tecnológico. De Oliveira e Spink (2018) revelam o valor da mobilização social de grupos de mulheres na periferia urbana como forma de fortalecimento da identidade e da longevidade ativa.

Os estudos analisados evidenciam que o envelhecimento bem-sucedido e a qualidade de vida na velhice dependem de múltiplas dimensões, que vão além da ausência de doenças. Fatores como participação social, manutenção de vínculos comunitários, espiritualidade, estilo de vida ativo e políticas públicas que reconheçam as especificidades regionais e as desigualdades estruturais se mostram centrais na promoção do bem-estar na terceira idade. A interdependência entre aspectos físicos, emocionais, sociais e culturais sugere a necessidade de abordagens interdisciplinares e intersetoriais na formulação de estratégias voltadas à população idosa.

Além disso, destaca-se o papel crescente das tecnologias, tanto na coleta e análise de dados preditivos quanto na mediação de cuidados e práticas de autocuidado, como potenciais aliadas na promoção da autonomia e da autogestão da saúde. A literatura também aponta que o reconhecimento das diferenças de gênero, classe, território e etnia é fundamental para o enfrentamento das desigualdades no envelhecimento, exigindo respostas contextualmente sensíveis e socialmente justas. Assim, os resultados sistematizados reforçam o chamado para políticas públicas sustentadas em evidências que considerem o envelhecimento como uma etapa complexa da vida, atravessada por múltiplas dimensões de vulnerabilidade e potencialidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise bibliométrica desenvolvida neste estudo permitiu mapear a produção científica internacional relacionada à longevidade e qualidade de vida ao longo da última década, evidenciando a crescente atenção da academia para as transformações demográficas em curso e seus múltiplos impactos sociais. Ao identificar as principais áreas de concentração, autores, países e enfoques temáticos, a pesquisa oferece uma base sólida para compreender como o envelhecimento populacional tem sido abordado sob distintas perspectivas disciplinares e metodológicas.

Do ponto de vista acadêmico, o estudo contribui para o fortalecimento do campo de estudos sobre o envelhecimento, ao destacar tendências conceituais e lacunas existentes na literatura, especialmente no que se refere à interseção entre qualidade de vida e políticas públicas. A articulação com o marco do Envelhecimento Ativo, proposto pela Organização Mundial da Saúde, permite ampliar o debate sobre os determinantes sociais da longevidade e sobre os pilares que sustentam o bem-estar ao longo da vida: saúde, participação, aprendizagem contínua e segurança.

No plano social, os resultados da pesquisa reforçam a urgência de políticas intersetoriais que reconheçam as pessoas idosas como sujeitos de direitos, com potencial de contribuição e

protagonismo em suas comunidades. O envelhecimento não deve ser compreendido como um problema, mas como uma conquista civilizatória que exige planejamento, investimento público e inclusão social. Especial atenção deve ser dada às desigualdades regionais, de gênero e classe, que atravessam as experiências de envelhecer em países como o Brasil.

Como desdobramentos futuros, sugere-se aprofundar as investigações sobre os impactos da longevidade nos territórios periféricos e em contextos de vulnerabilidade social, com ênfase em populações negras, indígenas, ribeirinhas e quilombolas. Além disso, novas pesquisas podem explorar as relações entre longevidade, tecnologias digitais e inclusão social, bem como o papel das redes comunitárias no cuidado e no suporte à velhice. A abordagem qualitativa e participativa, aliada a métodos bibliométricos, pode ampliar o entendimento sobre as múltiplas dimensões do envelhecer e subsidiar ações mais eficazes e sensíveis às diversidades do processo de envelhecimento.

REFERÊNCIAS

- Aladejare, S. A. (2023). A dívida externa promove a longevidade humana em países em desenvolvimento? Evidências dos países da África Ocidental. *Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences*, 16(2), 213–237.
- Anikeeva, O. A., Sizikova, V. V., Demidova, T. E., Karpunina, A. V., & Maydangalieva, Z. A. (2019). Tecnologias de TI e informática para a educação dos idosos e melhoria de sua qualidade de vida. *Eurasia Journal of Mathematics, Science and Technology Education*, 15(11), 1–8.
- Aroonsrimorakot, S., Laiphrakpam, M., Metadilogkul, O., & Sharma, A. R. S. (2022). Intervenções para reduzir o impacto negativo do envelhecimento, da desigualdade social, do isolamento e da solidão na saúde e bem-estar de idosos na Tailândia e na Índia. *Journal of Public Health and Development*, 20(2), 183–195.
- Baldanzi, A., Prettnner, K., & Tscheuschner, P. (2019). Inovação vertical induzida pela longevidade e o dilema entre vida e crescimento. *Journal of Population Economics*, 32(4), 1293–1313.
- Baltazar, L. S. A., Tavares, L. M. C., Barros, J., & Ferreira, L. (2023). O conselho municipal do direito da pessoa idosa protagonismo para o envelhecimento ativo na Amazônia Paraense: o caso do CMDPI de Santarém. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 34(3).
- Barros, J., Muderwa, D. C., Costa, S., & Nebot, C. P. (2023). Escola amiga da pessoa idosa: reflexão-ação sobre longevidade e envelhecimento. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 34(3). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376748223_Escola_amiga_da_pessoa_idosa_reflexao-acao_sobre_longevidade_e_envelhecimento. Acesso em 06 de jul de 2025.
- Bevilacqua, R., Stara, V., Amabili, G., Margaritini, A., Benadduci, M., Barbarossa, F., & Wieching, R. (2024). Protocolo de estudo e-VITA: coach virtual UE-Japão para envelhecimento inteligente.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). Projeções da população por sexo e idade: 2010-2060. <https://www.ibge.gov.br/>

- Caswell, H., & Van Daalen, S. (2021). Longevidade saudável a partir de modelos baseados em incidência: mais estados de saúde do que estrelas no céu. *Demographic Research*, 45, 397–452.
- CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL (2015). Envelhecimento ativo: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015.
- Chaves, L. J., & Gil, C. A. (2015). Concepções de idosos sobre espiritualidade relacionada ao envelhecimento e qualidade de vida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20, 3641-3652.
- Chung, K. H., Youngblood, S. M., Clingan, C. L., Deighton, D. C., Jump, V. A., Manuweera, T., ... & Kleckner, A. S. (2024). Digitalização de planos de cuidados pós-tratamento de sobreviventes de câncer através do aplicativo POSTHOC: Protocolo para ensaio clínico randomizado de fase II.
- Cupertino, A. P. F. B., Rosa, F. H. M., & Ribeiro, P. C. C. (2007). Definição de envelhecimento saudável na perspectiva de indivíduos idosos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20, 81-86.
- Oliveira, J. A. D. D., Ribeiro, J. M., Emmerick, I. C. M., & Luiza, V. L. (2020). Longevidade e custo da assistência: o desafio de um plano de saúde de autogestão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 4045-4054.
- De Oliveira, J. H. P., & Spink, M. J. (2018). Considerações sobre a longevidade de um grupo de mães na periferia de São Paulo, Brasil. *Athenea Digital*, 18(3), e 2139.
- Faba-Pérez, C., & Calero-Prieto, I. (2021). As bibliotecas públicas e a integração das tecnologias na terceira idade: o caso da província de Badajoz (Extremadura, Espanha). *Revista General de Información y Documentación*, 31(1), 15–35.
- Freitas, J. L. G. D., Silva, J. M. M., Nóbrega, J. C. L., Simões, R. F. M., Medeiros, J. B., Alves, R. O., ... & Santos, S. (2022). Qualidade de Vida Relacionada à Saúde e Fatores Associados: Diferenças Regionais entre Idosos Mais Velhos no Brasil.
- Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2019). Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da informação*, 6(1), 57-73.
- Grangeiro, A. F. B., de Oliveira Gomes, L., Gama, M. E. A., & Moraes, C. F. (2018). Perfil sociodemográfico e clínico da pessoa idosa em Programas de Fisioterapia Domiciliar. *O Mundo da Saúde*, 42(3), 656-677.
- Gu, L. J., Cheng, Y., Phillips, D. R., & Rosenberg, M. (2019). Compreendendo o bem-estar dos idosos mais velhos na China: um estudo de variações socioeconômicas e geográficas com base em dados do CLHLS.
- Han, K., Yang, S. S., Jia, W. P., Wang, S. S., Song, Y., Cao, W. Z., ... & He, Y. (2020). Qualidade de vida relacionada à saúde e sua correlação com a depressão entre centenários chineses.
- Heide, S. K. (2022). Autonomia, identidade e saúde: definindo qualidade de vida em adultos mais velhos. *Journal of Medical Ethics*, 48(5), 353–356.
- Heine, C., Gong, C. H., Feldman, S., & Browning, C. (2020). Mulheres mais velhas na Austrália: enfrentando os desafios da perda sensorial dupla.

- Huang, X. T., Zhang, M. Q., Fang, J. Y., Zeng, Q., Wang, J. Q., & Li, J. (2022). Classificação e caracterização do desenvolvimento da qualidade de vida geral autorrelatada entre idosos chineses: um estudo longitudinal de doze anos.
- Hurley, M. V., Wood, J., Smith, R., Kennedy, B., & Jones, F. (2020). Viabilidade de aumentar a atividade física em residentes de instituições de longa permanência: programa ARCH. *Physiotherapy UK*, 107, 50–57.
- Imamatsu, Y., Oe, N., Ito, E., Iwata, Y., Arimoto, A., Kobayashi, K., & Tadaka, E. (2023). Bem-estar subjetivo e fatores relacionados entre idosos saudáveis, independentes e residentes na comunidade no Japão. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/healthcare11152211>. Acesso em: 07 jul. 2025.
- Kalache, A., & Keller, I. (1999). The WHO perspective on active ageing. *Promotion & Education*, 6(4), 20–23. <https://doi.org/10.1177/102538239900600407>. Acesso em 07 jul 2025
- Kalachikova, O. N., Korolenko, A. V., & Nutsun, L. N. (2023). Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa sobre longevidade ativa. *Monitoring of Public Opinion: Economic and Social Changes*, (1), 20–45.
- Leaf, D. E., Tysinger, B., Goldman, D. P., & Lakdawalla, D. N. (2021). Prevendo quantidade e qualidade de vida com o Modelo do Idoso do Futuro. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.1050789>. Acesso em: 07 jul. 2025.
- Li, X., Gao, M., Chu, M. J., Huang, S. L., Fang, Z. W., Chen, T. M., ... & Chiang, Y. C. (2023). Promovendo o bem-estar de idosos rurais para a longevidade entre diferentes gerações de nascimento: uma perspectiva de estilo de vida saudável.
- Lichtenberg, F. R. (2022). O efeito da inovação farmacêutica na longevidade: evidências dos Estados Unidos e de outros países de alta renda. *Economics & Human Biology*, 46, 101124.
- Liu, S., Larsson, H., Kuja-Halkola, R., Butwicka, A., & Taylor, M. J. (2023). Saúde física relacionada à idade em adultos autistas mais velhos na Suécia: um estudo retrospectivo baseado em população. *The Lancet Healthy Longevity*, 4 (7), e307–e315.
- Luo, J., Guo, Y. J., & Tian, Z. L. (2024). Solidão ou sociabilidade: o impacto da participação social na saúde mental de idosos que vivem sozinhos.
- Moreira, M. A. S., & Mendes, M. L. (2012). A qualidade de vida na velhice: uma abordagem psicossocial. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 364–372. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000200006. Acesso em: 07 jul. 2025.
- Oliveira, L. S., Rabelo, D. F., & Queroz, N. C. (2012). Estilo de vida, senso de controle e qualidade de vida: um estudo com a população idosa de Patos de Minas-MG. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(2), 416-430.
- Pereira, M. F. (2007). O processo de envelhecimento e a qualidade de vida do idoso. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2601/2/20344210.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.

- Palludeto, A. W. A., & Felipini, A. R. (2019). Panorama da literatura sobre a financeirização (1992-2017): uma abordagem bibliométrica. *Economia e sociedade*, 28, 313-337.
- Pressman, S. D., & Cohen, S. (2005). Does positive affect influence health? *Psychological Bulletin*, 131(6), 925-971. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.6.925>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- Oliveira, L. S., Rabelo, D. F., & Queroz, N. C. (2012). Estilo de vida, senso de controle e qualidade de vida: um estudo com a população idosa de Patos de Minas-MG. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(2), 416-430.
- Pereira, M. F. (2007). O processo de envelhecimento e a qualidade de vida do idoso. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2601/2/20344210.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25, 585-593.
- Soares, V. N., Fattori, A., Neri, A. L., & Fernandes, P. T. (2019). Influência do desempenho físico na mortalidade, funcionalidade e satisfação com a vida de idosos: dados do estudo FIBRA. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(11), 4181-4190. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.07592018>. Acesso em: 08 jul. 2025.
- Sousa, M. D. J. A., Mendonça Junior, J. P. V., Rodrigues, D. C., Ferreira, L. R. F., & Barros, J. N. A Reinvenção do Trabalho 50+ e o Desenvolvimento Territorial. *VII Encontro Brasileiro de Administração Pública, Brasília/DF, 11, 12*. Disponível em: <https://sbapeventos.com.br/ebap/index.php/VII/viiebap/paper/viewFile/1091/367>. Acesso em: 07 jul. 2025.
- Strizhitskaya, O. Y., & Petrash, M. D. (2022). Construindo o envelhecimento produtivo: fatores biológicos, psicológicos e ambientais. *Counseling Psychology and Psychotherapy*, 30(1), 8-28.
- Tomioka, K., Kurumatani, N., & Hosoi, H. (2016). Relação entre ter hobbies e um propósito de vida com mortalidade, atividades da vida diária e atividades instrumentais da vida diária entre idosos residentes na comunidade.
- Tyrovolas, S., Polychronopoulos, E., Morena, M., Mariolis, A., Piscopo, S., Valacchi, G., ... & Panagiotakos, D. (2017). O uso do carro está relacionado ao envelhecimento bem-sucedido de idosos? Resultados do estudo multinacional das ilhas mediterrâneas.
- Urtamo, A., Jyväkorpi, S. K., & Strandberg, T. E. (2019). Definitions of successful ageing: A brief review of a multidimensional concept. *Acta Biomedica*, 90(2), 359-363. <https://doi.org/10.23750/abm.v90i2.8376>
- Valero, C. N. A. (2020). *Significados de ser feliz na velhice e qualidade de vida percebida segundo idosos: estudo FIBRA* (Doctoral dissertation, [sn]).
- Vidasova, L. (2023). Envelhecimento ativo e retardado nas avaliações dos idosos: um estudo piloto em São Petersburgo. *Zhurnal Issledovani Sotsial Noi Politiki*, 21(3), 485-502.

- World Health Organization. (2002). Active ageing: A policy framework. Geneva: WHO.
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/67215>
- World Health Organization. (2015). World report on ageing and health. Geneva: WHO.
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/186463>
- Zhang, L., Wei, X. J., Ma, X. Y., & Ren, Z. H. (2021). Saúde física e qualidade de vida entre idosos no contexto da cultura chinesa.
- Zhang, T., Shi, W. X., Huang, Z. Q., Gao, D., Guo, Z. Y., & Chongsuvivatwong, V. (2016). Desigualdades de saúde de gênero e étnicas entre idosos na zona rural de Guangxi, China: estimando expectativa de vida ajustada pela qualidade.
- Zhang, Z., Mao, Y. H., Shui, Y. Y., Deng, R. Y., & Hu, Y. C. (2022). Os serviços comunitários domiciliares para idosos aumentam a satisfação com a vida? Uma análise empírica com base no CLHLS 2018.
- Xu, J., & Roberts, R. E. (2010). The power of positive emotions: It's a matter of life or death—Subjective well-being and longevity over 28 years in a general population. *Health Psychology*, 29(1), 9–19. <https://doi.org/10.1037/a0016767>. Acesso em: 08 jul 2025.